

NO SOM VIBRANTE DA MARIMBA E DAS BATIDAS DO ATABAQUE RESISTE A CONGADA DE SÃO BENEDITO – PATRIMÔNIO RELIGIOSO DO LITORAL NORTE PAULISTA

Data de aceite: 03/04/2023

Rosangela Dias da Ressurreição

Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados de Ciência da Religião da PUC-SP; Bolsista na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior - CAPS

estabelecidas entre catolicismo, memória africana, memória caiçara e ancestralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade; congada; materialização da religião.

1 | INTRODUÇÃO

RESUMO: Este artigo pretende examinar alguns aspectos da Festa da Congada de São Benedito do município de São Sebastião, litoral norte do Estado de São Paulo. Descrevemos e interpretamos os modos como seus dançadores transmitem conhecimentos específicos sobre a festa, codificando e decodificando mensagens que se reportam ao mudo visível, mas também ao mundo invisível, cuja apreensão e compreensão abarcam códigos, modulação e educação dos sentidos de ordem diversa e específica. Utilizamos uma abordagem etnográfica, através da observação participativa, na intenção de lançar um olhar “de perto e de dentro”, de modo a captar discursos cosmológicos e as conexões

Este artigo enfoca o contexto caiçara do município de São Sebastião, litoral norte paulista e uma Celebração, assim como é definida pelo IPHAN¹, categoria que inclui os principais ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, entre outros. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas e bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de determinados lugares, o uso de objetos especiais, a execução de música, orações e danças. São atividades que participam fortemente da produção de sentidos

¹ IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

específicos de lugar e de território. (IPHAN, 2000, p. 10).

2 | LOCALIDADE E CONTEXTO HISTÓRICO

O litoral norte paulista² foi território de produção e exportação de açúcar nos períodos colonial e imperial brasileiros, atingindo o apogeu na virada do século XVIII para o XIX, com fazendas açucareiras, suas moendas e mãos escravas em sua maioria bantos. Sua ocupação colonial remonta a fins do séc. XVI e início do séc. XVII, época em que foram doadas as primeiras sesmarias na região, hoje dentro dos limites do município.

Entre outras praias/ bairros que compunham a vila de São Sebastião, destacamos o bairro de São Francisco, seu primeiro nome era Itararé do ribeirão em menção ao rio que passava nos fundos do Convento Franciscano. Entre os moradores, temos um fazendeiro possuidor de grandes extensões de terras e devoto de São Francisco, Santo Antônio e Nossa Senhora do Amparo, que em 20 de março de 1958 doou *“cem braças de terra começando do mar salgado correrão para o sertão tudo quanto nossas escrituras reza, com águas vertentes e tudo mais que possuímos, declarando que como as casas, em que moramos com toda a nossa família [...]”*.³

O litoral norte paulista⁴, foi território de produção e exportação de açúcar nos períodos colonial e Imperial brasileiros, atingindo o apogeu na virada do século XVIII para o XIX, com fazendas açucareiras e moendas. Com o declínio da economia açucareira e a sua substituição pela cultura cafeeira, à região perdeu seu esplendor, pois a cofia árábica não traz resultados satisfatórios, e toda a região mergulha na decadência agravado pelo isolamento natural. A cidade de São Sebastião voltaria sentir as brisas do desenvolvimento somente na década de 1960 com a instalação do Terminal Marítimo Almirante Barroso – TEBAR e a retomada do movimento portuário. A cidade de Caraguatatuba, Ilhabela e Ubatuba, por sua vez, viveu processo idêntico⁵, buscando como alternativa a exploração turística. O município de São Sebastião possui área aproximada de 401 km e uma população fixa de cerca de 78.000 habitantes. Sua ocupação colonial remonta a fins do séc. XVI e início do séc. XVII época em que foram doadas as primeiras sesmarias na região, hoje dentro dos limites do município.

Em 1664 dois religiosos foram designados pela província franciscana para iniciar a construção do convento. Do ponto de vista arquitetônico, o Convento possui variedade de técnicas construtivas, como alvenarias estruturais em tijolos e pedras, testemunhas de

2 O Litoral Norte do Estado de São Paulo é constituído de quatro municípios: São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba

3 Escritura registrado no Livro de Notas do Tabelião Baltazar Rodrigues da Silva, fls 4. Livro de Tombo G. IV. Fls 115 v. Localizada no bairro de São Francisco, tradicional núcleo pesqueiro, no município de São Sebastião, litoral norte paulista. Hoje, encontra-se em mau estado de conservação, necessitando de urgente restauração, inclusive do seu acervo sacro, que guarda peças de barro do século XVII.

4 O Litoral Norte Paulista é composto por 4 municípios: Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba.

5 Ver. RESSURREIÇÃO, Rosângela Dias da. São Sebastião – transformações de um povo caiçara. São Paulo: Humanitas, USP/SP, 2002.

várias gerações que contribuíram para a existência deste patrimônio edificado. Há uma pintura policrômica na abóbada da igreja, bem como na talha dos retábulos, imagens e outros elementos que expressam o modo de vida em outros tempos.

No entorno do Convento, em pedra e cal, surge o povoado de São Francisco, núcleo ceramista e pesqueiro. A edificação do convento foi de grande importância na história do município. Em virtude desta edificação, os moradores do bairro de São Francisco pedem que nele se crie uma freguesia, primeiro passo legal para elevação à vila e possível independência em relação à vila de São Sebastião; como Matriz foi indicada a capela da Ordem Terceira, contígua à nave do convento. A Freguesia foi criada pela Lei n.º 13, de 2 de abril, pela Assembléia Legislativa da Província de São Paulo, mas extinta em 1859. ⁶

Até mesmo hoje é muito clara a distinção entre o bairro de São Francisco e as demais regiões do município, como um núcleo que surgiu quase que simultaneamente ao centro da vila, ele se mantém com características muito próprias nas questões culturais e políticas. Este bairro apresenta rica cultura imaterial, é aqui que surge uma das mais belas e fortes manifestações culturais de São Sebastião – *A Congada de São Benedito* é um auto e dança que representa a luta de mouros e cristãos, com elementos da cultura africana negra e feudal européia.



Imagem 1. Convento Franciscano

Acervo – Arquivo publico municipal, Convento Franciscano, década de 30.

A proposta aqui em apresentar o “*espaço*” onde a manifestação religiosa acontece, articula-se com a ideia de que espaço é, segundo Birgit Meyer, representacional. Kim Knot aponta que o corpo é fundamental para a experiência e representação tanto do espaço quanto do sagrado. E assinala:

“Todo espaço é a soma de suas características materiais, as pessoas que vivem e trabalham nele e se movem através dele, e as muitas representações e discursos associados. Pode ser que a religião esteja identificável no tecido

⁶ O município de São Sebastião possui testemunhos arquitetônicos dos séculos XVII, XVIII e XIX, tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1955, e pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e turístico do Estado de São Paulo), em 1969 e 1972.

físico, nas relações sociais e nas controvérsias públicas que constituem a rua."
(KNOT, 2016.p.223)

Kim Knot, trabalha com o termo "mapeamento" que significa o estudo e representação da religião (ões) em um espaço delimitado, como uma localidade, região, nação ou continente, ou em movimentos. As religiões podem ser mapeadas de forma isolada, mas usualmente são consideradas em relação a outros fatores através desses espaços. "Mapeamento" pode significar, literalmente, mapas, gráficos e outras formas visuais de representação (cartografia), ou pode ser utilizado metaforicamente para sinalizar um levantamento, uma descrição empírica detalhada, ou um estudo da posição e relações entre pessoas (religiosas), lugares, rotas e outras variáveis.(KNOT, 2016.p.223)

Ao apresentar o contexto histórico da cidade, do bairro e da rua, percebemos que a comunidade religiosa constrói o lugar sagrado . Esse envolvimento, esse compromisso sustenta a própria comunidade, a construção desse lugar sagrado, assim como é aos "pés" da escadaria do Convento de São Francisco que a Congada de São Benedito se apresenta há séculos. O morador do bairro de São Francisco ao considerar a rua em frente ao Convento, como espaço sagrado, "sacralizam territórios", traz uma contribuição para reflexão sobre as formas tradicionais de usar o espaço vinculadas às práticas religiosas.

Nesta perspectiva também Roger W. Stump em sua obra " *A geografia da religião: fé, lugar e espaço*", aborda os significados e usos de espaço sagrado. O autor define o espaço sagrado, como espaço entendido em termos explicitamente religiosos pelos crentes que reconhecem e use-o. E destaca

"Talvez mais significativamente, no entanto, a crença religiosa informa os significados básicos que os adeptos atribuem a muitos dos espaços que constroem e usam, de modo que os próprios espaços representam articulações ou extensões da fé dos adeptos. Esta processo ocorre mais claramente em relação ao espaço sagrado, ao qual os crentes atribuem significado religioso explícito, muitas vezes transcendente. O espaço sagrado, em essência, manifesta o cosmos sobrenaturais imaginados que são englobados pela visão de mundo dos adeptos." (STUMP, 1951.p.222)



Imagem 2 – Congada de São Benedito
Acervo da autora, apresentação de 2012

Na cidade de São Sebastião coexistiam diferentes sujeitos históricos que se encontram articulados em um patrimônio imaterial representado por tradicionais festas, cujos detentores são negros, pardos e brancos, os formadores do povo caiçara (RESSURREIÇÃO, 2000).

Imagem 1: Vila de São Sebastião



Acervo do arquivo histórico municipal de São Sebastião, 1960



Comissão Geográfica e Geologica do Estado de São Paulo, 1906.

Imagem 4 – Bairro de São Francisco

3 | RELIGIOSIDADE POPULAR MATERIALIZADA

Abordamos esta manifestação religiosa, a Congada de São Benedito, com base em leituras de autores que trabalham a materialidade da religião. Para a antropóloga Birgit Meyer⁷, religião é um conjunto de práticas cujo efeito é tornar visível o invisível, e só pode ser sustentada se as definições do visível e do invisível forem questionadas.

Meyer registra que a categoria materialidade tornou-se um termo quase mágico nos estudos atuais das ciências sociais e humanidades. Em alemão, o termo “materialidade” pode ser desdobrado ainda mais, como “stofflichkeit” (substancialidade), “dinglichkeit” (coisidade), “körperlichkeit” (corporeidade), e “wesentlichkeit” (referindo-se ao que é essencial, substancial, importante).

De um jeito ou de outro, conforme aduz a referida autora, “a defesa da materialidade indica a necessidade de prestar atenção urgente a um mundo de objetos real e material e a uma textura de experiência vivida e corporificada” (MEYER, 2019, p.88). Entendemos que toda e qualquer religião precisa ter uma expressão material, mesmo que não reconheça isso.⁸

A autora nos convida a refletir sobre o fato de estudar religião e “[...] falar sobre ela de maneiras novas e críticas”, ultrapassando os conceitos gastos, como o de “crença”, visto que crença é parte integrante de uma religiosidade, sem abandonar qualquer interesse na

7 Birgit Meyer é antropóloga e professora titular do Departamento de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade de Utrecht, Holanda. Integra a “Royal Dutch Academy of Arts and Sciences” desde 2007 e é co-editora da revista “Material Religion”.

8 Birgit Meyer e coautoria com Dick Houtman, foi publicado originalmente como introdução do volume *Tings: Religion and the Question of Materiality*, organizado por Houtman e Meyer e lançado em 2012 pela Fordahm University Press. Tradução de Bruna da Silva Rosa, Louise de Vasconcelos e Rafael Augusto Silva dos Santos, sob a supervisão e a revisão de tradução da Prof.^a Dr.^a Elizamari Rodrigues Becker (UFRGS).

religiosidade interior e espiritual como objeto de estudo. (MEYER, 2019, p.88).

Daniel Bitter na obra “A alma das coisas”, explica o que entende por “materialidade”:

[...] quando aqui a utilizamos, não pretendemos designar um dado natural ou um atributo intrínseco aos objetos e lugares descritos e analisados. Trata-se de uma categoria, portanto, compreensível enquanto se possam entender os diversos contextos socioculturais em que é usada e de que forma específica. (BITTER, 2013, p.09)

Outra boa leitura para entender a religião material é o livro de David Morgan *The Divine Gaze: Religious Visual Culture in Theory and Practice*. Compreendemos que devemos examinar as condições em que se formam as crenças das sensações, sentimentos, espaços e manifestações, ou seja, as coordenadas físicas ou formas da prática religiosa.

Morgan busca definir a cultura material das religiões vividas em termos de várias categorias de práticas que colocam imagens e objetos para funcionar como formas de engajar o corpo humano na configuração do sagrado. No cerne do seu argumento está a afirmação de que as religiões são formas de fabricar redes de relações entre os seres humanos, por um lado, e relações com deuses, anjos, santos, vida após a morte, espíritos ou ancestrais, nacionalidade, destino ou providência, no outro.

O autor busca delinear formas primárias pelas quais a religião acontece materialmente, tomando forma como práticas corporificadas que configuram os mundos mortais e outros. O corpo humano desempenha um papel tão central nesse processo que as investigações da religião que ignoram o corpo correm o risco de propor um relato profundamente distorcido e bastante enganoso de seu assunto. Um estudo robusto da materialidade não se limitaria a imagens e objetos, mas consideraria todos os sentidos: olfato, paladar, som, tato e visão, mas também sentidos como interpretados diferentemente por diferentes culturas.

4 | FESTA NEGRA – FESTA DA RESISTÊNCIA

As festas da cidade de São Sebastião são acontecimentos que envolvem os cantos, as músicas, a dança, as crenças, os ritos, a culinária e o artesanato, constituindo-se numa herança transmitida por gerações, formando um vasto e singelo patrimônio imaterial que evoca o sagrado com atos comemorativos e rituais que fazem os caiçaras, em especial, os moradores do bairro de São Francisco, terra de congadeiros. As festas populares foram o meio pelo qual os homens expressaram sua cultura, que intrinsecamente embutia seus conhecimentos, técnicas, artefatos, padrões de comportamento e atitudes.

A Congada de São Benedito, do bairro de São Francisco, há 200 anos vai sendo transmitida de geração em geração. Um grupo de caiçaras congadeiros, devotos de São Benedito, ensinam seus conhecimentos aos novos: os passos, a música, a coreografia, a fabricação dos instrumentos musicais, as rezas e cantigas da dança. São bens associados à Congada de São Benedito o próprio bairro e uma edificação do Convento Nsra do Amparo,

há séculos em frente ao convento. Após a missa, ocorre a apresentação da Congada. Neste chão sagrado é realizada uma coreografia, um ritual, uma cantoria; recriar a tradição é deixar uma marca, é firmar uma identidade.⁹



Imagem 5 – Congadeiros

Acervo – Arquivo publico municipal, década de 1960

A cada ano os caiçaras, ao realizarem a Congada, materializando sua fé, se reinventam, contribuindo para a construção e o fortalecimento da identidade dos detentores e produtores de uma manifestação cultural secular na região do litoral norte paulista. Durante a década de 50 a congada de São Sebastião ficou sem ser encenada, retomando suas atividades em meados da década de 60 e sendo interrompida novamente durante a década de 80, e reaparecendo somente no final dos 80 a partir de uma ação de um grupo de moradores do bairro. Há um interesse em preservar a congada de São Benedito do bairro de São Francisco, principalmente devido à presença da Marimba, instrumento peculiar e bastante específico em sua construção, com baixíssima incidência nas congadas

⁹ Em 2010, foi realizado o Inventário da Cultura Imaterial do município de São Sebastião. O Projeto Preservação dos processos significativos para a sociedade sebastianense, foi classificado no Edital do IPHAN-2010, recebemos apoio financeiro do IPHAN. O inventário foi realizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico Cultural em conformidade com as etapas de pesquisa predefinidas pela metodologia do INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), concebida com o propósito de nortear as etapas de identificação, descrição e sistematização das informações e do material. etnográfico coletado durante o processo de investigação de um bem cultural de natureza imaterial. O trabalho de campo que se encontra na base do presente artigo foi realizado no âmbito de uma pesquisa mais vasta – por ocasião do desenvolvimento do Inventário.

brasileiras.

5 | O SOM ENVOLVENTE DA MARIMBA E DAS ESPADAS

A apresentação dos congadeiros, suas narrativas gestuais e rítmicas de corpos negros constituem bases para pensar acervos de cultura material africana no Brasil, evidenciando que corpo, música e memória se articulam, indissociavelmente, entre povos africanos organizados em vivências de unidade cósmica.



Congada de São Benedito do bairro de São Francisco na frente do Convento Nsra do Amparo, 2012.

Imagem 6 - Apresentação os Congos do Embaixador e seus espadas

A Congada do bairro de São Francisco possui uma organização fixa e permanente. As figuras são: o Rei, o Embaixador e o Secretário. Na apresentação os congadeiros são divididos em dois grupos: Congos de Cima, que representam os Fidalgos ou vassalos, junto com seu Rei do Congo, sendo estes considerados cristãos e trajam roupas azuis que, simbolicamente, representam o céu. Os Congos de Baixo são os congos do Embaixador. Seus guias usam uniformes vermelhos que simbolizam o inferno e outros adereços, entre eles, as espadas símbolos de dignidade e sabedoria. A coreografia é marcada pelo ritmo do instrumento conhecido como Marimba e dos atabaques.

6 I SAGRADOS CORPOS E OBJETOS

Os objetos como roupa, sapato, coroa, chapéu, enfeites, missangas, espada, cedro, fitas, instrumentos musicais, entre outros, são associados ao corpo e que se aproximam pela capacidade de realizar mediações. Para nós, os objetos nos desvelam o mundo.

Na observação das transformações ocorridas na Congada de São Benedito, referente aos objetos sagrados, nos apropriamos das palavras de Godelier ao registrar que sobre os objetos sagrados:

[...] se apresentam como fabricados diretamente pelos deuses e pelos espíritos, mas em qualquer caso os poderes neles presentes não foram fabricados pelos homens. São dons dos deuses ou de ancestrais, dons de poderes presentes doravante no objeto (GODELIER, 2001, p. 205)

Chamam a atenção, os saberes e memórias do corpo, os valores éticos e estéticos encarnados e encenados, as narratividades em ritmos e rituais, os diálogos entre musicalidades e danças negras. Apreendemos percepções sensoriais e cognitivas impregnadas por imagens simbólicas, melodias polifônicas, artes e metáforas de universos culturais africanos, em conexões cultura/natureza, corpo/saberes, arte/vida, materialidade/espiritualidade. Encontramos na congada de São Benedito muitos desses saberes, memórias, ritmos, ritual, musicalidade e dança.



Acervo -Arquivo publico municipal
Embaixador da Congada, década de 60.

Imagem 8 – O embaixador



Acervo da autora Embaixador da Congada, 2012.

Imagem 9 - o Embaixador

Quem assiste a apresentação da Congada e seu ritmo marcado na Marimba e os tambores, sem perceber, seu corpo está bailando. As emoções e sensibilidades emergem nos ritmos e canções enraizadas em tradições e diversos instrumentos musicais, construindo experiências únicas.

Tomamos aqui emprestadas as metáforas de Tim Ingold, que considera como basilar a tarefa de trazer “as coisas de volta à vida”¹⁰. O autor também nos propõe a refletir sobre o mundo em transformação e em movimento, no entrelaçar de coisas que têm vida e de vidas que são coisificadas no processo contínuo de tecelagem no qual está circunscrito o próprio mundo. Para Ingold, o ser vivo, como um ser perceptivelmente engajado, se movimenta afetando e sendo afetado pelo mundo que também está em pleno movimento, e que este movimento entrelaçados a outros movimentos geram narrativas, sentidos e marcas de suas trajetórias. Tentamos destacar essas vidas que são coisificadas no processo contínuo de tecelagem no qual está circunscrito o próprio mundo: “[...] busca na experiência e no vivido a base sobre a qual edificar uma ciência que tem a vida como seu estatuto epistemológico” (INGOLD, 2015).

10 Tim Ingold é um antropólogo britânico, nascido em 1948. Ele recebeu seu doutorado em 1976 ao realizar uma pesquisa etnográfica sobre ecologia, organização social e política étnica entre os Saami Skolt do norte da Finlândia. Ingold foi professor na Universidade de Manchester e é, desde 1999, professor em antropologia social na Universidade de Aberdeen, onde vem desenvolvendo uma série de projetos de pesquisa e ensino sobre as relações entre percepção, movimento, criatividade e habilidade, explorando tais conceitos nos campos da antropologia, biologia, arte, arquitetura e design.

71 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Soberano rei do congo
Uma manhã calma
Colhia o cravo e a rosa
E o alecrim perfeito
Oferecendo a São Benedito
Uma grinalda de fino ouro
A flor que lhe ofereço
São rosas e margaridas
Fazendo o São benedito
E a nsra Aparecida”
(Apresentação do 8º Fidalgo, meu pai.)*

Registramos que a região do litoral norte paulista permaneceu “isolada” dos grandes centros urbanos por muito tempo. Mas, a abertura da Rodovia Tamoios em 1932, ligando o município ao Vale do Paraíba, em 1950 e a abertura da BR-101, foram fatores que, associados à vinda e implantação da Petrobrás (1960), contribuíram para a efetiva transformação da cidade. Sendo a cidade um organismo vivo, não há como impedir o processo de renovação, intrínseco a ele, e que acompanha o próprio desenvolvimento da vida humana. Neste contexto, sabemos que ações que visaram o “progresso” sem articular um desenvolvimento econômico-social, a qualidade de vida das cidades como bem cultural, verifica-se atualmente perda de identidade caçara devido: a) um aumento da ocupação desordenada por todo nosso litoral; b) falta de plano de desenvolvimento turístico. O turismo de “sazonalidade” ou turismo de verão vem agravando os problemas de infraestrutura da uma cidade histórica. Transformações, estas, que também atingem esta manifestação religiosa e, verificamos um enfraquecimento de nossas celebrações, além de estar ocorrendo uma diminuição de sua representatividade na vida social.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BLAJ, Ilana. Sérgio Buarque de Holanda: **Historiador da cultura material**. IN: Sérgio B. de Holanda e o Brasil. Antônio Candido (org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. pp. 29-48.

BITTER, Daniel. **Bandeiras e máscaras: sobre a relação entre pessoas e objetos materiais nas Folias de Reis**. A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonâncias. 2013, p.09.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

GODELIER, Mauricie. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. IN: Daniel Bittar. Bandeiras e Máscaras sobre relação entre pessoas e objetos materiais nas folias de reis. 2001.p.205.

GONÇALVES, José R. S., BITTAR, Nina P. & GUIMARÃES, Roberta S. (org.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

INGOLD, Tim. (1948). **Estar vivo: ensaios sobre movimentos, conhecimentos e descrição**. Tradução Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/IPHAN. **Inventário nacional de referências culturais**. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000.

Patrimônio Imaterial: O registro do Patrimônio Imaterial – Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial, Brasília: Ministério da Cultura- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4^a Ed, 2006.

Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer / organizadores Emerson Giumbelli, João Rickli [e] Rodrigo Toniol. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MORGAN, David. **O olhar sagrado: cultura visual religiosa em teoria e prática**. Londres, Inglaterra, 2005.

STUMP, Roger W., 1951. **A geografia da religião: fé, lugar e espaço**. Estover Road, Plymouth PL6 7PY, Reino Unido, 2008 por Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

RESSURREIÇÃO, Rosângela Dias da. **São Sebastião – transformações de um povo caiçara**. São Paulo: Humanitas, USP/SP, 2000.